



LAUREN  
*Autora Best-seller do The New York Times*  
BLAKELY

*Bem*  
SAFADO

Ele é o mestre das ferramentas...  
e sabe usá-las como ninguém.

LAUREN  
BLAKELY

*Bem*  
SAFADO

Tradução  
ELENICE B. ARAUJO

 FARO  
EDITORIAL

**COPYRIGHT © 2016. WELL HUNG BY LAUREN BLAKELY.  
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH BOOKCASE LITERARY AGENCY AND  
WOLFSON LITERARY AGENCY.  
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2018**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA E BARBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **KL PETRO | SHUTTERSTOCK**

Imagens internas **ALEXKAROB e ROBB | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Blakely, Lauren

Bem safado / Lauren Blakely ; [tradução Elenice Araújo].

— Barueri : Faro Editorial, 2018.

Título original: Well hung.

ISBN 978-85-9581-035-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

18-16575

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014



1ª edição brasileira: 2018

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

# Prólogo

ERA UMA VEZ UM CARA E UMA GAROTA, E ENTÃO TUDO deu errado.

Fim.

.  
. .  
. .  
. .  
. .  
. .  
. .

Que nada, estou brincando.

Sou do tipo que oferece tudo ao mesmo tempo, e nunca pulo a melhor parte. Quando falo algo como “você nem imagina o que aconteceu”, acrescento meu selo de garantia de que você vai receber seu doce preferido inteiro, incluindo a deliciosa cobertura de chocolate e o recheio bem consistente e gostoso. E, cá entre nós, eu recomendo que você devore esta história de dar água na boca, pedacinho por pedacinho.

Como naquela vez na montanha-russa, quando descobrimos exatamente por que as pessoas gritam tanto na hora da descida.

Ou momentos como a rapidinha atrás da máquina de caça-níqueis, enquanto uma pessoa urrava de alegria ao acertar três cerejas, e eu gemia de prazer.

Mas é difícil dizer se algo superou a tarde na escada.

O quê? Nunca transou nas escadas? Pois saiba que você nunca mais verá o último degrau do mesmo jeito e vai querer testar agora mesmo.

Porém, em meio àquele papo de “o proibido é mais gostoso” — e olha que muita coisa soa ilegal até para mim —, também rolou sentimento de verdade.

O tipo de coisa que bagunça o coração com uma furadeira elétrica.

Algo que quase o arranca do peito...

Foi o que aconteceu comigo.

Portanto, agora, depois de quase 69 dias com ela — e eu captei a ironia desse número — estou *aqui*.

Na escadaria do prédio do fórum; ela, no degrau de cima, e eu, no de baixo. Eu a seguro pelo braço e pergunto: “Vamos acabar tudo desse jeito?”. Mal reconheço a minha voz.

A dela soa como um sussurro também: “É você quem decide”.

Eu poderia dizer que sou um pegador. Que sou muito bem-dotado, um corpo esculpido e malhado e um coração de ouro. Mas você não deve estar interessado no meu currículo. Além do mais, você na certa já ouviu histórias sobre o garanhão que fica manso.

Só que essa que eu vou contar você não conhece.

Aviso: eu não dou *spoilers*, então, tudo o que precisa fazer é embarcar nessa viagem... Você jamais adivinharia o que aconteceu.

# Capítulo 1

VOU TE CONTAR UM SEGREDO SOBRE OS HOMENS: QUANDO vemos uma mulher que nos interessa, todos, sem exceção, dizemos que ela é gostosa. Não importa quem ela seja ou quais as circunstâncias. Dizemos por dizer.

Como aconteceu ainda agorinha.

Floyd, o cara ruivo que deveria ter entregado, três dias atrás, as dobradiças para uma cobertura de luxo no Upper East Side, estava com o cotovelo apoiado no balcão da cozinha, tagarelando sem parar. Pelo visto, ele precisava de uma pausa no trabalho de *não* cumprir prazos. Eu, que por outro lado estava determinado a cumprir os meus, segui instalando as dobradiças do armário da cliente.

Uma cliente que o Floyd considerava *gostosa pra sua salsicha*. Palavras dele. Não minhas.

— Wyatt, você viu o jeito como a Lila olhou pra mim quando entrei? — perguntou ele ao pegar a lata verde e preta de energético, amassá-la e, então, limpar a boca com a mão, deixando um rastro do líquido no cavanhaque ruivo.

— Hmmm... Acho que não prestei atenção — respondi, feliz por Lila já ter descido para a academia do prédio e assim não ter ouvido o comentário dele.

— Estou dizendo, as gatinhas fazem fila por mim em todo trabalho que peço — Floyd se gabou, estufando o peito.

Eu franzi a sobrancelha, girei a chave de fenda e lancei um olhar atravessado pra ele.

— Essa tal fila de mulheres... você diria que sai porta afora e segue pelo corredor na casa de *todas* as clientes?

Ele concordou, como se acreditasse no próprio papo-furado. Pelo visto, não existia ironia no castelo do Rei da Salsicha Sexy.

— Com certeza. Eu poderia passar o dia inteiro dando uns amassos em todas elas, uma atrás da outra. É por isso que entramos para este negócio, não é, mano?

Ele levantou o punho fechado, esperando que eu batesse, mas, como estava com as mãos ocupadas, me limitei a perguntar:

— Por trás?

Ele balançou a cabeça.

— De preferência. Nada como um martelo na mão pra impressionar as gatinhas.

Caí na gargalhada com tamanha baboseira.

— E você, pelo jeito, nunca se cansa, certo? Nunca perde a disposição? — perguntei, dando corda, ao passar para a dobradiça seguinte, e cuidando para que o espaçamento das portas estivesse correto.

— Ah, sim. Mas tem uma coisa, que é a regra de ouro do nosso negócio — ele acrescentou, e pressionou os lábios com o dedo.

Que sorte a minha, ele ia me revelar seu segredo.

Então eu falei, dando uma de interessado:

— Eu adoro regras. Diz aí.

— A regra de ouro é a seguinte: pode pegar clientes à vontade, mas a assistente, nem pensar.

— Jura? — repliquei, sério, como se ele tivesse acabado de compartilhar uma sabedoria sagrada.

O Floyd respondeu, com ar sábio.

— Pode acreditar. Eu aprendi a lição. Perdi a melhor assistente do universo por ser incapaz de resistir a passar a mão nela. — Ele suspirou, todo melancólico, olhando para o teto. Devia estar pensando na beleza da moça. — Uma boa assistente vale o peso em ouro. Por isso agora contratei uma vovó de cabelos grisalhos. Para acabar com a tentação de vez.

Terminei de instalar as dobradiças e peguei uma broca do meu cinto de ferramentas. Apontei pra ele, olhando em seus olhos.

— Mas pense bem... — Minha voz foi se calando, e depois de uma pausa de suspense, perguntei: — E se eu gostar de uma bela grisalha?

Ele arregalou os olhos e gaguejou, sem entender muito bem:

— E você gosta?

— Claro. Sou um homem justo, comigo as oportunidades são iguais.

Não consegui segurar a piada, e continuei. Agora seria eu a me gabar:

— Elas mexem muito comigo, e vou te contar uma coisa: as vovós bonitonas me deixam aceso. Imagina uma fila de aposentadas até perder de vista. Não resisto!

— Então, ainda bem que você não tem uma vovó dessas atendendo ao telefone, ou estaria ferrado.

— Sem dúvidas. — Baixei a broca e coloquei a porta sobre o balcão. Agora era a minha vez de me inclinar para a frente e compartilhar meu brilhantismo. Sussurrei: — Mas veja, Floyd, há outra opção.

— Sério? — Ele estava praticamente salivando à espera do que achava que seria uma dica sobre sexo no ambiente de trabalho.

Eu endireitei o corpo, tenho um metro e noventa e sou bem mais alto que ele, mas mantive o tom sereno e leve:

— É possível... — E criei um clima. — ... manter seu pau guardado dentro da calça durante o trabalho.

A cobertura caiu no silêncio. O Floyd coçou a cabeça, franziu as sobrancelhas e murmurou:

— Ahn?

Pelo visto meu conselho soou tão estranho que parecia que eu falara grego.

— Seja como for, Floyd, é hora de ir. Preciso terminar este trabalho a tempo para a Lila, a gostosa que não é pro seu bico. — Dei um tapinha nas costas dele, agradeci por ter trazido as dobradiças, ainda que atrasado, e mostrei-lhe a saída.

Poucas horas depois, quando eu encerrava o expediente, a Lila chegou em casa toda animada e saltitante de volta da sessão de ginástica. Eu mostrei a ela o trabalho que havia feito naquela tarde e a atualizei sobre o que seria feito no dia seguinte, agora que eu estava chegando à parte final da reforma da cozinha.

— Tudo está ficando muito bom — ela elogiou, muito alegre. — Você faz um trabalho incrível. Estou tão feliz pela Natalie ter conseguido

encaixar essa obra na sua agenda! Sei que o prazo era apertado, mas você foi tão bem recomendado e eu faço questão de ter tudo do melhor.

Acenei e agradei, e então me senti na obrigação de dar o devido crédito:

— A Natalie faz mágica na minha agenda. Ela consegue fazer tudo dar certo.

— Ótimo, porque talvez eu tenha outro projeto pra você. Vou falar com o meu marido esta noite e então discutiremos a viabilidade. Pode ser?

— Combinado! Eu te vejo amanhã, quando vier terminar os armários.

Pouco depois, quando voltei ao meu escritório na rua 50 West, para deixar as ferramentas e os materiais, fui recebido por ninguém menos que a Maga do Planejamento, ou seja, a mulher que salvou esse barco.

— Oi, Wyatt — a Natalie me cumprimentou de sua mesa.

Senti vontade de ligar para o Floyd e dizer que é *fácil* seguir meu conselho. Eu administro isso todos os dias, parece milagre. Especialmente considerando que tenho uma assistente brilhante que é bonita, esperta, fantástica no trabalho que faz e tem um sorriso lindo que quase me mata. Pode me chamar de antiquado. Eu me derreto por uma mulher com um belo sorriso, e a Natalie, com seus olhos azuis vibrantes e cabelos loiros, tem um sorriso arrasador. Ela é perfeita, a típica garota americana, que, como a torta de maçã, dá vontade de devorar.

Não que eu queira devorá-la.

Droga, eu não devia ter dito isso...

Não quero devorar minha assistente, nem transar com ela, nem curvá-la sobre a escrivaninha.

Viu? Eu sigo meu próprio conselho: meu pau está em segurança guardadinho na minha calça.

Além disso, a Natalie é excelente em seu trabalho e é errado pensar nela dessa forma. Para não dizer perigoso. Minha empresa deveria me agradecer pela última vez em que dei uns amassos em uma colega de trabalho. Aquela experiência me ensinou uma lição que eu deveria ter aprendido muito tempo antes: não misturar negócios com prazer. Isso é como tomar uma bebida ruim que deixa um gosto amargo na boca. Por isso, apesar de a Natalie ter o rosto mais bonito que eu tinha visto nos últimos anos, além de um coração generoso e um lado divertido, e mesmo tendo achado que ela era a fim de mim, eu não poderia ficar com ela.

Fiz graça e levei na brincadeira quando ela abriu o maior sorriso e me perguntou:

— Tudo certo com o projeto dos Mayweather?

Fiz um gesto que percorreu do meu ombro até as pernas, depois farejei o ar para fazer uma cena.

— Tudo ótimo, mas você tem alguma coisa que tire este cheiro de metido à besta de mim?

Ela então apontou para as prateleiras na parede do nosso escritório com um olhar impassível e disse:

— Prateleira de cima, lado esquerdo. Eu recebi um novo spray contra babaquice na semana passada. Mas às vezes é preciso dar umas boas borri-fadas para fazer efeito de verdade. Capricha aí, tá?

Fiz sinal de positivo, fingi pegar um spray e aplicá-lo no meu corpo todo, depois colocando-o de volta.

— Pronto, muito melhor assim.

Puxei a cadeira cor de mostarda na frente da mesa dela e me sentei bem à vontade. Os clientes não iam ali; o escritório era apenas para o nosso uso, por isso não gastamos muito com os móveis.

Ela girou a caneta na mão.

— Então, quem foi que te contaminou hoje? O Floyd ou o Kevin, o electricista seboso que você tentou esganar?

— O seboso do Kevin merecia ser esganado. Concorda comigo?

Ela fez que sim.

— Concordo plenamente. Todas as células do meu corpo estão de acordo, seria impossível eu conseguir concordar mais.

— A esganação recebeu um certificado de 100% necessária — acrescentei, já que o Kevin passara uma cantada nela quando veio ao escritório, semanas atrás.

Devo dizer o seguinte: a Natalie poderia acertá-lo com um pontapé num piscar de olhos. Ela, sozinha, poderia deixá-lo arriado no chão depois de uma surra. Mas não suporto aquela baixaria de comentários impróprios e olhares maliciosos. Eu teria feito o mesmo se um cara tentasse dar uma de machão com a Josie, minha irmã caçula, na confeitaria onde ela trabalha. Sendo assim, catei o Kevin pelo ombro e conduzi o camarada pra fora do meu escritório na mesma hora. Ninguém, e insisto, ninguém pode dar em cima dos meus funcionários.

— Hoje foi o Floyd — contei a ela, e em seguida dei a versão censurada da história: falei das conquistas das clientes e omiti os comentários sobre as assistentes.

Não há necessidade de criar um clima entre a gente. Afinal, não seria eu a querer botar essa ideia de coisa proibida na cabeça dela. Essa ideia arriscada, perigosa, picante, devassa e absolutamente excitante.

Meus olhos percorreram o escritório, enquanto eu listava mentalmente todos os cantinhos que imploravam para serem batizados. A mesa, a cadeira, o piso...

Num instante, minha cabeça foi tomada por um turbilhão de pensamentos inadequados, exatamente tudo o que não deveria acontecer. Foi como se uma porção de alienígenas cheios de tesão tivessem invadido a minha mente.

Mas eu não era o Floyd, eu sabia me comportar, e então imaginei uma morsa, coloquei todas essas imagens nela e as esmaguei, limpando a minha mente. Inclusive aquelas das ideias devassas e dos alienígenas com tesão.

— E então eu o botei pra fora da casa da Lila e lhe disse um até logo — eu concluí a história, passando a mão pelos meus cabelos castanho-escuros. — Tipo “até outra vida, Floyd”.

— Hum... — ela murmurou.

— “Hum” de ótimo ou “hum, por que você mandou um de nossos fornecedores catar coquinho?”?

— “Hum” do tipo a sua história me deu uma boa ideia, algo que eu queria fazer há muito tempo.

— E o que é?

Os olhos dela brilharam, eram um tom mais claros que os meus azuis-escuros.

— Que tal eu encontrar um novo fornecedor de dobradiças?

A sugestão era mais que perfeita. Dei um tapa na beirada da escrivaninha dela, entusiasmado.

— Sim. E para registro, você é brilhante e boni... — Cortei a última sílaba da palavra, que soou grave, abafada.

*Nota mental: não chamá-la de bonita pra caramba, se eu repreendia outros homens por assediá-la no trabalho.*

Ela ficou me olhando, à espera de que eu terminasse a sentença; então, tratei de engolir o termo e inseri um novo elogio:

— Brilhante e... boníssima.

Boníssima?! Sério?! De onde veio essa palavra?! Bem, talvez ela engolisse.

Ah, eu não teria tanta sorte...

— Boníssima? — A Natalie me encarou, perplexa, como era de se esperar. — Eu sou boníssima?

Fazendo cara de paisagem, mantive o que disse.

— Veja as suas ações. Você é um espírito bondoso, sempre pensando no melhor para todos. É um poço de bondade — remendei, tentando convencê-la.

A Natalie endireitou os ombros.

— Se você diz, Hammer, que seja. E este espírito bondoso se antecipou. Fiz algumas ligações, conversei com alguns colegas nossos e recebi excelentes recomendações. Já tenho um novo fornecedor de dobradiças em vista.

Abri um sorriso largo.

— Você está sempre três passos à minha frente!

— Como se espera de uma boa assistente.

— E você é excelente. O que acha de comemorarmos os seis meses que você vem fazendo da WH Marcenaria & Construção uma empresa melhor do que era?

— Eu adoraria!

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM FEVEREIRO DE 2023